

Perguntas (im)pertinentes sobre a área do treinamento das habilidades sociais

Almir Del Prette¹

Zilda A. P. Del Prette²

Há algum tempo atrás, com o crescimento do interesse pela área do Treinamento de Habilidades Sociais em nosso país, identificamos alguns equívocos referentes a conceitos e dados históricos sobre esse campo, tanto em textos como em exposições orais. Algumas vezes, observa-se uma compreensão enganosa sobre conceitos como, por exemplo, similaridade entre os termos habilidades sociais e competência social, ou a suposição de que habilidades sociais e habilidades de vida possuem matriz teórica semelhante. Claro que não nos colocamos a salvo de cometer enganos, principalmente sobre as questões mais complexas, as quais têm sido objeto de estudo sistemático do grupo de pesquisa que tomamos parte.

De fato, o campo teórico-prático do Treinamento de Habilidades Sociais possui algumas controvérsias teóricas que podem confundir o leitor. Por outro lado, em relação a alguns dos conceitos, pode-se observar, ao longo do tempo, uma tentativa dos estudiosos na apresentação de definições mais claras e operacionáveis. De certa maneira, temos participado desse esforço divulgando esse conhecimento e, também, reelaborando alguns conceitos anteriormente apresentados (Z. Del Prette & Del Prette, 1999; A. Del Prette & Del Prette, 2001). Isso pode ter contribuído para gerar alguma confusão para aqueles que estudam a área a partir de alguns dos nossos trabalhos, se não examinarem detalhadamente as mudanças explicitadas, com base em sua contextualização teórica e dimensão histórica.

A constatação de que muitas dessas dúvidas conceituais também faziam parte do modo de entendimento da área, por parte de nossos alunos, levou nos a organizar um método de estudo, objetivando dirimir questões e, conseqüentemente, lhes permitir maior domínio sobre as nuances desse campo de conhecimento da Psicologia. Primeiro, solicitamos a cada deles, que elaborassem, no início da disciplina e ao finalizá-la, uma

* Professores da Universidade Federal de São Carlos (www.rihs.ufscar.br, zdprette@power.ufscar.br; adprette@ufscar.br).

lista com algumas questões, preferencialmente (im)pertinentes sobre a área, independentemente de se julgarem capazes de respondê-las. Depois, seguiam-se outras tarefas, tais como: a) elaboração das respostas; b) cotejamento das perguntas e respostas entre as várias listas; c) discussão em grupo e correção de alguns enganos conceituais.

A adjetivação das perguntas como (im)pertinentes teve a pretensão de incentivar os alunos a elaborarem questões que, de fato, representassem suas dúvidas, mesmo que as julgassem excessivamente simples ou incomuns. O resultado alcançado com esse procedimento vem auxiliando o aluno a se dar conta de que: a) existem conceitos contraditórios ainda não resolvidos; b) a área é ampla, complexa e aberta; c) dúvidas e conflitos são geradores de discussão e estudos; d) todos temos, ainda, muito que aprender sobre essa temática.

Dessas listas, selecionamos aquelas que representam, pelo menos em parte, as de maior complexidade e, em parte, revelam também algumas curiosidades e idiosincrasias da área, optando por apresentá-las aqui, com o mesmo objetivo de esclarecer dúvidas que possivelmente tenham um caráter comum para os estudiosos e para muitos dos leitores. Portanto, este texto, contempla 15 perguntas, a maioria extraída das listas dos alunos, sendo acrescentadas outras, recebidas em palestras e cursos (por exemplo, na ABPMC), de colegas e mesmo de leigos nesse tema. A última pergunta desse rol não se relaciona, aparentemente, a problemas conceituais; todavia, nossa compreensão de (im)pertinência, em seu duplo sentido, levou-nos a incluí-la também.

As respostas foram elaboradas por nós e, posteriormente, submetidas a um grupo de pessoas que as avaliaram sob o critério de clareza e compreensão, em uma escala intervalar de zero (nada compreensível) a três (bastante compreensível). Os valores um e dois representaram pouco e medianamente compreensível, respectivamente. As respostas com linguagem de difícil entendimento foram re-elaboradas, até se revelarem satisfatórias. Portanto, o conteúdo, exposto a seguir, embora tenha surgido das respostas apresentadas àquelas perguntas, posteriormente aperfeiçoadas, é de nossa responsabilidade. Esperamos que esse estudo possa dirimir dúvidas e contribuir para aumentar a compreensão sobre a área do Treinamento de Habilidades Sociais.

O Treinamento de Habilidades Sociais é sucedâneo do Treinamento Assertivo?

Essas duas áreas se constituíram como movimentos independentes e em países diferentes, conquanto razoavelmente concomitantes no tempo. Para sermos mais precisos, o Treinamento de Habilidades Sociais (THS) é anterior ao Treinamento Assertivo (TA), porém devido ao maior intercâmbio de pesquisadores brasileiros com os colegas dos Estados Unidos, o segundo movimento obteve maior visibilidade e interesse no Brasil e em outros países das Américas. Em outras palavras, o THS chegou por aqui mais tarde, o que, ao que tudo indica, contribuiu para favorecer a compreensão equivocada de anterioridade do TA.

Como distinguir um movimento do outro?

A história do THS e do TA ilustra bem a noção corrente da Psicologia como uma disciplina multifacetada. Por mais de uma década, não se observou proximidade entre os estudiosos de ambos os lados dos continentes (Estados Unidos e Inglaterra), nessa temática. O movimento denominado Treinamento de Habilidades Sociais iniciou-se na Inglaterra, tendo como base os trabalhos pioneiros de Michael Argyle, na Universidade de Oxford. Argyle foi um investigador com múltiplos interesses na Psicologia, tendo pesquisado, entre outros assuntos, o absenteísmo e o turnover no trabalho, o comportamento religioso, a comunicação não-

verbal, a variável introjeção na aprendizagem social, o contato verbal, a proximidade e afiliação. Posteriormente, dedicou-se com regularidade ao tema das habilidades sociais. Seu principal colaborador foi Peter Trower, autor de vários estudos sobre habilidades sociais, entre os quais pode-se recomendar o artigo *Adult social skills: State of the art and future directions* (1995). Já, o movimento do Treinamento Assertivo teve seu início com Joseph Wolpe e continuou depois, com a participação de Arnold Lazarus, ambos psicólogos clínicos, provenientes da África do Sul. Nos Estados Unidos, Wolpe orientou o doutorado de Lazarus, porém, posteriormente, a associação entre ambos se desfez. A popularização do TA nos Estados Unidos, e também em outros lugares, ocorreu principalmente devido à grande aceitação do livro de Alberti e Emmons (*Your perfect right: A guide to assertive living*) pelo público em geral, tendo vendido mais de 800 mil exemplares naquele país. Alguns estudiosos, dentre os quais nos colocamos (Del Prette & Del Prette, 1996, A. Del Prette & Del Prette, 2001), vêem, atualmente, as habilidades assertivas como classes de habilidades sociais, porém entendem-se que, historicamente, um movimento não se reduz a outro (Del Prette & Del Prette, 2003a). Dada uma certa confusão sobre esse assunto, parece ser importante recordar que os termos habilidades sociais e treinamento de habilidades sociais apareceram e foram adotados antes mesmo que o conceito de assertividade tivesse sido definido (ver Hargie, Saunders & Dickson, 1994).

Qual é, em termos conceituais, o exato perfil da área do Treinamento de Habilidades Sociais?

Atualmente, o Treinamento de Habilidades Sociais não pode ser compreendido dentro de sua dimensão inicial, quando era concebido como um método de intervenção e definido em termos de um “pacote” de procedimentos destinados a suprir déficits de habilidades de relacionamento interpessoal. Hoje, constitui uma área com um marco cultural definido, tendo como base teorias sobre o relacionamento interpessoal, com escopo mais abrangente do que tinha anteriormente. A leitura do *Handbook of psychological skills training* de 1995, organizado por William O’Donohue e Leonard Krasner, permite verificar que já existia uma considerável amplitude nas indicações de programas de treinamento em habilidades sociais e que novas questões teóricas, até então pouco consideradas, estavam sendo discutidas. Para uma maior familiaridade com essas questões, recomenda-se a leitura de: Trower (1995), Hargie, Saunders e Dickson (1994), Del Prette & Del Prette (1996; 1999).

Em quais aspectos do THS estão mais interessados os estudiosos dessa área no Brasil?

Esta pergunta poderá ser respondida, de maneira mais conclusiva, quando se fizer um estudo da arte desse campo entre nós, o que acreditamos de grande importância. Isso implicará em um amplo levantamento das publicações incluindo-se os livros, artigos de revistas, teses e dissertações. Até o presente momento três estudos analisaram as publicações na área do THS. O primeiro (Del Prette & Del Prette 2000) constituiu uma tentativa inicial, exploratória, abrangendo apenas as publicações definidas, pelo seu título como pertencentes a essa área. A segunda incursão nesse tema é de Murta (s.d.), que analisa os programas de treinamento de habilidades sociais sob a ótica da prevenção primária, secundária e terciária. O terceiro (Bolsoni-Silva, Del Prette, Montanher, Del Prette & Del Prette, s.d.) é mais abrangente e constitui capítulo de um livro que está sendo organizado pelas pesquisadoras: Marina Bandeira e Eliana Gerk-Carneiro. Uma análise desses estudos deve possibilitar um levantamento de pistas importantes para a compreensão dos interesses dos pesquisadores na área do THS entre nós. Embora existam

em função de seus objetivos e valores, articulando-os [em um desempenho que atende] às demandas mediatas e imediatas do ambiente” (Del Prette & Del Prette, 2001, p. 31). Como se trata de uma dimensão avaliativa do desempenho social, a análise da competência social requer critérios, conforme já enfatizamos em resposta a outra questão.

Habilidades Sociais é um conceito ou uma área?

O termo habilidades sociais tem sido utilizado tanto para designar uma área de produção/aplicação de conhecimento, quanto para designar um conceito. Seria mais correto utilizar Treinamento de Habilidades Sociais e a sigla THS, para fazer referência à área, porém isso não é importante desde que se tenha a compreensão adequada deste e de outros termos. Um termo por si mesmo nada explica. O termo só possui valor explicativo quando é definido e a ele se agrega uma teoria. A palavra habilidade é vulgarmente entendida “como algo que se faz bem”. Essa noção não pode ser incorporada pela área do THS, pois se revela falaciosa. O que é fazer bem? O que é algo que se faz? Quem diz “bem” de algo? É preciso ficar claro que o observador não vê uma *habilidade*. O que ele vê são comportamentos ou desempenhos. Sobre todos os desempenhos possíveis de uma pessoa é viável se propor uma ordenação primária: a) os que ocorrem em relação a objetos e/ou fenômenos não-humanos da natureza (abrir uma gaveta, ligar a televisão, abrigar-se de uma chuva); b) os que ocorrem em relação à outra pessoa (xingar alguém, dizer bom dia ao vizinho, afagar a cabeça de uma criança). O segundo grupo pode receber uma nova subdivisão: os desempenhos que produzem danos e aumentam a probabilidade de afastamento entre as pessoas recebem a designação de anti-sociais e os que contribuem para aproximação ou manutenção da interação entre as pessoas são designados de pró-sociais. É difícil identificar, entre os pró-sociais, quais não seriam habilidades sociais, ainda mais quando se considerando que algumas dessas habilidades (as assertivas) podem, algumas vezes, provocar desconforto ao interlocutor. Portanto, habilidades sociais supõem um conjunto de desempenhos com características específicas..

Dentre os vários critérios para aferir a competência social de um desempenho, quais os mais facilmente operacionalizáveis?

Antes da resposta, seria interessante relembrar esses critérios: a) consecução dos objetivos da interação; b) manutenção ou melhora da auto-estima; c) manutenção e/ou melhora na qualidade da relação; d) maior equilíbrio entre ganhos e perdas; e) respeito e ampliação dos direitos humanos básicos. Os três primeiros são bastante veiculados na literatura da área (Linehan, 1984), os demais foram por nós estabelecidos (Del Prette & Del Prette, 1999), com base em uma compreensão da dimensão ética que pode ser incorporada à definição. Aparentemente, o primeiro critério é mais fácil de operacionalizar e avaliar. No entanto, algumas vezes, quando utilizado isoladamente, ele pode trazer uma falsa atribuição de sucesso porque se refere a conseqüências imediatas, sem considerar a continuidade da relação. Daí porque é importante que todos os critérios, ou vários deles, sejam considerados, avaliando-se como competente o desempenho que atende mais amplamente esse conjunto.

Podemos afirmar que os diferentes modelos conceituais existentes na área do THS passam, em última análise, pelo crivo da aprendizagem social?

Embora a polêmica entre as diversas teorias da aprendizagem social tenha diminuído bastante nos anos recentes, é preciso considerar que o THS é, ainda, uma área aberta. Isso significa que não se construiu um sistema organizador completo, que poderia ter como eixo a teoria da aprendizagem social. Pode-se dizer que a área carece de estudos teóricos que

muitos profissionais trabalhando com intervenção, o que se observa é um maior número de publicações sobre avaliação de desempenho em habilidades sociais. Os programas de intervenção conduzidos na clínica particular nem sempre são planejados com controles refinados, dentro das exigências da investigação empírica, permanecendo como experiência restrita a pequenos grupos e raramente apresentados em congressos. Já os estudos de avaliação ocorrem, em sua maioria, nas academias, daí porque se observa um maior volume de publicações nesse tema. Verificam-se, adicionalmente, poucos estudos sobre aspectos teóricos, o que não significa a inexistência de questões conceituais, conforme se explicitou no início deste capítulo.

Por que existem tantas definições de habilidades sociais?

Caballo (1993) fez um levantamento desse número, apontando doze definições dos autores mais conhecidos na área. Posteriormente, esse número cresceu mais ainda. Em parte, isso ocorre devido às várias matrizes teóricas que dão sustentação à área. Cada teoria tende a enfatizar alguns aspectos do desempenho social, conforme a sua compreensão de aprendizagem. Por exemplo, se tomarmos a teoria da aprendizagem social, que tem uma importante contribuição na constituição da área (Rios, Del Prette & Del Prette, 2002), a definição deve fazer referência a aspectos cognitivo-comportamentais do desempenho, enquanto que se levarmos em conta uma abordagem essencialmente operante da aprendizagem, a ênfase recairá sobre aspectos comportamentais. De outra parte, muitas definições são excessivamente abrangentes ou restritas para serem úteis na definição de procedimentos, tanto de avaliação quanto de intervenção. A melhor definição deve ser pensada do ponto de vista de seu valor heurístico na orientação de apropriada metodologia de avaliação e de procedimentos de intervenção.

Alguns estudos sobre desenvolvimento utilizam o conceito de competência social, sem, contudo, se referirem à área das habilidades sociais. Por quê?

O conceito de competência tem uma longa história na Psicologia. Ele foi e é utilizado na Psicologia Clínica e do Trabalho. Nos estudos sobre desenvolvimento, as definições de competência social variam também de acordo com as diversas matrizes teóricas que dão sustentação às diferentes abordagens. As perspectivas que tomam a mente como social (Rogoff, 1995; Valsiner, 1997) associam, necessariamente, as questões da linguagem e do desempenho social à noção de intersubjetividade. Considerando as diferenças de objetivos, não há porque a Psicologia do Desenvolvimento se referir à área do THS, porém uma proximidade desta com as posições desses autores poderia ser importante na elaboração de uma teoria interpessoal, abrangendo aspectos do desenvolvimento humano, como a que propõe Trower (1995).

Qual a diferença entre Habilidades Sociais e Competência Social?

A posição que adotamos tem sido: a) não reduzir um conceito ao outro; b) tomar as habilidades sociais em um sentido descritivo, de caracterização do repertório do indivíduo; c) compreender competência social sob uma perspectiva avaliativa a respeito da proficiência do desempenho. Assim considerando, “habilidades sociais referem-se a diferentes classes de comportamentos sociais no repertório de um indivíduo que lhe permite lidar de maneira adequada com as demandas de seu ambiente” (Del Prette & Del Prette, 2001, p. 31). Portanto, rigorosamente falando, não podemos utilizar o termo “socialmente habilidoso” para referir-se a uma pessoa em interação com outra por que esse termo traz uma conotação avaliativa mais do que descritiva. A competência social diz respeito à avaliação ou auto-avaliação, podendo ser considerada como “uma qualificação do desempenho social, em termos da capacidade de um indivíduo de organizar pensamentos, sentimentos e ações

esclareçam a efetiva contribuição dos vários modelos conceituais que nela coexistem. Em estudo recente (Ríos, Del Prette & Del Prette, 2002) procurou-se analisar a contribuição da teoria da aprendizagem social de Bandura na constituição da área do THS, podendo-se afirmar a sua importância, em especial porque ela representa uma integração entre abordagens cognitivistas e comportamentais. Olhando-se o passado é possível localizar dois modelos, o operante (Estados Unidos) e o de desempenho de papéis (Inglaterra), com uma influência que ainda persiste na área. No entanto, enquanto as análises sobre os diversos modelos na constituição da área não forem realizadas, a resposta a essa pergunta deverá ser postergada.

Qual a diferença entre a análise molar e molecular? Qual sua importância no THS?

Ambos os termos devem ser relativizados. Em outras palavras, é possível, teoricamente, entendê-los para além de uma posição dicotômica, imaginando-os em um contínuo. Uma classe de habilidades pode conter subclasses e esta pode se decompor em outras, e assim sucessivamente. Conforme exemplificamos (Del Prette & Del Prette, 2001, p. 59), a habilidade de coordenar grupo pode conter habilidades tais como, “organizar as idéias dos participantes”, “mediar o estabelecimento de regras”, “direcionar o grupo para a tarefa” etc., sendo que, por sua vez, cada uma dessas habilidades compreenderia outras: “resumir”, “parafrasear”, “dar *feedback*”, “perguntar” etc. Além disso, cada habilidade ou classe de habilidades tem os seus componentes verbais, não-verbais e paralingüísticos. Em uma situação social, a dificuldade ou déficit de uma pessoa pode se localizar em um nível molecular que prejudica o seu desempenho global. A avaliação, na perspectiva desse contínuo, traz subsídios importantes para o planejamento de um programa de THS, tanto na seleção de objetivos quanto na elaboração de procedimentos porque pode contribuir para localizar o foco específico da intervenção.

Podemos dizer que o automonitoramento é indispensável para desempenhos sociais competentes, conforme os critérios de competência social?

De fato, monitorar o próprio desempenho aumenta a probabilidade de que este seja adequado na perspectiva da própria pessoa. A inclusão dessa habilidade, como objetivo a ser alcançado em um programa de THS, facilita a aprendizagem daquelas habilidades mais complexas. Pode-se dizer que, em grande parte, a generalização das aprendizagens, do *setting* terapêutico para outros ambientes, depende da automonitoria. O desenvolvimento da automonitoria pode ser obtido através de uma série de tarefas, algumas feitas na própria sessão de treinamento e outras fora dela. Pessoas com dificuldade de automonitorar o desempenho necessitam de uma atenção especial por parte do terapeuta ou educador.

O Treinamento de Habilidades Sociais com crianças segue um processo semelhante ao do jovem e do adulto?

Sim e não. Sim em vários aspectos, tais como: a) a necessidade de avaliação pré, durante e pós-intervenção; b) o cuidado para que a idade máxima e mínima entre os membros do grupo não seja muito discrepante; c) a homogeneidade, com relação ao transtorno, na composição do grupo; d) a definição prévia de objetivos; e) a necessidade de planejamento do programa e das sessões; f) o cuidado com as questões éticas. Entretanto, um programa de Treinamento de Habilidades Sociais com crianças tem algumas particularidades, em especial relacionadas a procedimentos, o que implica em diferentes habilidades do terapeuta

que atende crianças (Conte & Regra, 2000). Isso significa que o terapeuta, ao conduzir um Treinamento de Habilidades Sociais com um grupo de crianças, deve possuir um repertório apropriado para que o processo seja efetivo (Del Prette & Del Prette, 2004). Esse repertório inclui, por exemplo, habilidades comunicativas (verbais e não-verbais), conhecimento da sua clientela, criatividade no uso de procedimentos lúdicos. Associado a este último item, recomendamos o uso de vivências nesse tipo de intervenção (Del Prette & Del Prette, 2005), o que implica em domínio de outras habilidades mais específicas.

Qual a diferença entre treinamento e terapia quando se trata de clientes com problemas de relacionamento social?

Essa é uma questão de interesse epistemológico uma vez que remete à metodologia, ao conhecimento e ao entendimento da própria área. Do ponto de vista da divulgação de resultados, historicamente toda ou quase toda intervenção, utilizando a metodologia do Treinamento de Habilidades Sociais, recebeu a designação genérica de “treinamento”. Ainda hoje (tanto no Brasil como em outros países), o relato de intervenções publicadas na literatura especializada, tem utilizado o termo treinamento ao invés de terapia. É muito raro encontrar uma publicação nomeada por terapia de habilidades sociais. Na perspectiva dos objetivos da intervenção, poder-se-ia pensar que os termos treinamento e/ou terapia são igualmente aplicáveis no caso de pessoas com queixa clínica de problemas de relacionamento social, conforme explicitamos anteriormente (Del Prette & Del Prette, 1999). Todavia, para as intervenções com objetivos de capacitação ou de profilaxia como, por exemplo, os programas com universitários, com professores, vendedores, administradores, crianças etc., o termo treinamento é o mais apropriado, mesmo que a intervenção inclua componentes de um processo terapêutico. É importante repetir que o Treinamento de Habilidades Sociais tem uma aplicação bastante ampla, podendo ser usado como método principal ou como coadjuvante das intervenções conduzidas nas clínicas de psicologia e também em hospitais.

Considerando a supremacia do capital, o THS, enquanto método de treinamento, não corre o risco de ser um recurso adicional para aumentar o poder daqueles que já o possuem?

Enquanto método de treinamento ou intervenção, o THS pode, ou não, ser utilizado dentro de princípios politicamente corretos. Isso significa que colocá-lo a serviço de objetivos importantes no aspecto da justiça e orientá-lo por ideais libertários é uma opção do profissional que atua nessa área. Essa pergunta traz de volta questões antigas, revestidas, hoje, com novas terminologias e novos aspectos culturais. São as questões ligadas à exploração, à desigualdade social, ao distanciamento entre países ricos e pobres, à imposição de modelos de desenvolvimento e valores culturais etc. O alcance do THS é limitado, todavia não invalida os esforços de sua aplicação no sentido da ampliação do respeito aos direitos humanos (Del Prette & Del Prette, 2001). Vale a pena lembrar que posições filosófica e politicamente engajadas não são inteiramente novas nessa abordagem da Psicologia (o leitor poderá verificá-la em Bandura 1979; Holland, 1973; 1974; Skinner, 1973; 1978; entre outros). Alguns desses aspectos vêm sendo discutidos nos congressos da ABPMC, podendo-se citar, apenas para exemplificar: Carrara, 2002; Micheletto & Sérgio (2002) Um dos produtos do THS, principalmente os que ocorrem em grupo, relaciona-se com as mudanças de valores e crenças. Por outro lado, crenças na justiça sobre a própria posição na sociedade (Del Prette & Del Prette, 2003b) podem gerar a passividade e comportamentos de caráter exclusivamente interpessoal, enquanto o seu oposto favorece ações intergrupais. Sabe-se, também, que em grande parte, o êxito dessas ações depende da aprendizagem de habilidades

assertivas. Holland (1973) defendia o trabalho do psicólogo junto aos estratos desfavorecidos da sociedade. Dentre os vários métodos, o THS pode ser considerado uma ferramenta importante para aqueles que pretendem realizar esse tipo de trabalho. Parafraseando o escritor português Saramago, antes que o gato nos devore a todos, devemos aprender habilidades sociais de automonitoramento e também outras para enfrentá-lo.

Uma palavra final

Esperamos que as respostas apresentadas às perguntas selecionadas representem uma contribuição, para a discussão da área do Treinamento de Habilidades Sociais entre nós. Não pretendemos que as considerações feitas elucidem totalmente as dúvidas e encerrem as possibilidades de aparecimento de posições divergentes. Os conflitos entre diferentes posições são importantes para o aprimoramento do conhecimento, em especial na área do Treinamento das Habilidades Sociais, que em nosso país, ainda dá seus primeiros passos.

Referências

- Alberti, R. E. & Emmons, M. L. (1989). *Your perfect right: A guide to assertive living*. (20ª. Edição) San Luis Obispo: Impact Publishers. .
- Argyle, M. (1994). *Psicología del comportamiento interpersonal*. Madri: Alianza Universidad (originalmente publicado em 1967).
- Bolsoni-Silva, A. T., Del Prette, Z. A. P, Montanher, A. R. P., Del Prette, G., & Del Prette, A. (s.d.). Análise de estudos brasileiros sobre habilidades sociais publicados em periódicos na década de 1995-2005. Texto em fase final de elaboração.
- Bandura, A. (1979). *Modificação do comportamento*. Rio de Janeiro: Interamericana.
- Caballo, V. E. (1993). *Manual de evaluación y entrenamiento de las habilidades sociales*. Madrid: Siglo Veintiuno.
- Conte, F. C. S., & Regra, J. A. G. (2000). A psicoterapia comportamental infantil: novos aspectos. Em E. F. M. Silveiras (Org.), *Estudos de caso em psicologia clínica comportamental infantil* (vol. 1, pp. 79-136). São Paulo: Papyrus.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2001). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2003a). Treinamento assertivo ontem e hoje. Em C. E. Costa, J. C. L. e H. H. N. Sant' Anna (Orgs.), *Primeiros Passos em Análise do Comportamento e Cognição*. (pp 149-160). Santo André: ESETec.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2003b). Assertividade, sistema de crenças e identidade social. *Psicologia em Revista*, 9, 125-136.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (1996). Habilidades sociais: uma área em desenvolvimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9, 233-255.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (1999). *Psicologia das habilidades sociais: Terapia e Educação*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2004). Treinamento de Habilidades Sociais com crianças: como utilizar o método vivencial. Em C. E. Costa, J. C. Luzia, H. H. N. Sant' Anna (Orgs.), *Primeiros passos em Análise do Comportamento e Cognição* (pp.111-119). Santo André: ESETec.

- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e prática*. Petrópolis: Vozes.
- Hargie, O., Saunders, C., & Dickson, D. (1994). *Social skills in interpersonal communication*. (3ª edição) New York: Routledge .
- Holland, J. C. (1973). Servirán los principios conductuales para los revolucionarios? Em F. S. Keller e E. R. Inesta (Orgs.), *Modificación de la conducta: aplicaciones a la educación*. (pp.265-287) México: Trillas.
- Holland, J. C. (1974). Political implications of applying behavioral psychology. Em R. Ulrich, T. Stachnick & J. Mabry (Orgs.). *Control of human behavior* (pp. 594-603). Illinois: Foresman and Co.
- Carrara, K. (2002) Retomando a pergunta de Holland: Servirão os princípios comportamentais para os revolucionários? Em H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: Contribuições para a construção da teoria do comportamento* (pp 218-225). Santo André: ESETec
- Linehan, M. M. (1984). Interpersonal effectiveness in assertive situations. Em E. E. Bleechman (Ed.), *Behavior modification with women*. Nova York: Guilford Press.
- Micheletto, N., & Sério, T. M. A. P. (2002). Passados 30 anos: "Os princípios comportamentais servirão para os revolucionários? Em H. J. Guilhardi, M. B. B. Madi, P. P. Queiroz & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: Contribuições para a construção da teoria do comportamento* (pp. 241-248). Santo André: ESETec.
- Murta, S. G. (s.d.). Aplicações do Treinamento em Habilidades Sociais: Análise da produção nacional. *Revista Reflexão e Crítica*, (no prelo).
- O'Donohue, W., & Krasner, L. (1995). Psychological skills training. In: W. O' Donohue & L. Krasner (Eds.), *Handbook of psychological skills training: Clinical techniques and applications* (pp 1-19). New York: Allyn and Bacon.
- Ríos, M. R. S., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2002). A importância da teoria da aprendizagem social na constituição da área do treinamento de habilidades sociais. Em H. J. Guilhardi, M. B.B.P. Madi, P. P. Queiroz & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre Comportamento e Cognição: Contribuições para a construção da teoria do comportamento* (pp.269-283). Santo André: ESETec.
- Rogoff, B. (1995). Observing Sociocultural activity on three planes: Participation, appropriation, guided participation, and apprenticeship. Em J. V. Wertsch, P. Del Rio & A. Álvares (Orgs.), *Sociocultural studies of mind* (pp 63-82). Washington, DC: American Psychological Association.
- Skinner, B. F. (1973) Answer for my critics. Em H. Wheeler (Ed.), *Beyond the punitive society – operant conditioning: social and political aspects* (pp. 256-274). San Francisco: W. H. Freeman and Co.
- Skinner, B. F. (1978). *Reflections on behaviorism and society*. Englewood Cliffs: Prentice Hall Inc.
- Trower, P. (1995). Adult asocial skills: State of the art and future directions. Em W. Odonohue & L. Krasner (Eds.), *Handbook of psychological skills training: Clinical techniques and applications* (p. 54-80). New York: Allyn and Bacon.
- Valsiner, J. (1997). *Culture and development of children's action*. New York: John Wiley & Sons.